

# Meninas negras em telenovelas infantis:

A representação  
de meninas negras  
em telenovelas  
infantis precisa  
sair da figuração  
e do silenciamento

POR **SANDRA ROZA\***

TEXTO SELECIONADO NO EDITAL  
FILME CULTURA EDIÇÃO 64

figuração e  
silenciamento de  
Ana Júlia, em  
*Carinha de anjo*

ILUSTRAÇÃO: BÁRBARA ALPINO



**A REPRESENTAÇÃO NEGRA INFANTIL** em telenovelas é importante para crianças negras, principalmente quando essa ocorre em ambientes escolares, como em *Carinha de Anjo* (2016 - 2018), telenovela brasileira e *re-make* mexicano. Realizada e exibida no SBT, *Carinha de Anjo* possui quatro personagens negros: Irmã Fabiana Teixeira (Karin Hils), Inácio de Oliveira (Eddie Coelho), Zeca de Oliveira (Jean Paulo Campos) e Ana Júlia (Anna Júlia Mattos). Desses, Ana Júlia, única aluna negra do internato feminino de freiras, é quem menos aparece ou fala na trama, exercendo a função de figurante.

A partir de Ana Júlia, é possível constatar que, na maioria das vezes, meninas negras em telenovelas brasileiras são figurantes, personagens coadjuvantes ou melhores amigas da protagonista branca. Essas formas de representação de meninas negras podem contribuir para que elas permaneçam silenciadas, tanto na mídia quanto na sociedade.

Segundo Souza (2015),

(...) a mídia torna a população negra, maioria no país, invisível, velando dessa forma, o racismo presente na sociedade. Essa população não aparece nos heróis, nos telejornais, nas apresentadoras de programas infantis, nos protagonistas das novelas, enfim em lugares de destaque. (SOUZA, L., 2015, p. 19).

Para Gomes (2005), a ausência de personagens negras em telenovelas é um exemplo do racismo institucional, que “implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto”. (GOMES, 2005, p. 53).

Vale ressaltar que a presença de Ana Júlia, uma menina negra com o cabelo natural crespo, em uma produção infantil é significativa e faz parte, ao mesmo tempo, da luta pela representação midiática negra, que reivindica a presença de mais personagens negras em produções audiovisuais, e do oportunismo do capitalismo, que busca o lucro e maior consumo de seus produtos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados em 2015, 54% da população brasileira é negra (UOL ECONOMIA, 2015), ou seja, trata-se de uma parcela considerável dos consumidores das produções audiovisuais e dos seus produtos derivados que não pode mais ser ignorada pelas grandes empresas da cadeia audiovisual brasileira. Entretanto, na maioria das vezes, as personagens negras são representadas de forma estereotipada, o que acaba por enfatizar mitos racistas e também por reforçar a estrutura social, que dita que pessoas negras devem ocupar a posição de serviçais. Por isso, seria importante que a personagem Ana Júlia tivesse destaque na narrativa, pois imagens positivas de meninas negras na mídia precisam ser mais frequentes e apresentadas em profundidade. É preciso promover e reverberar a voz dessas meninas, pois “(...) a sua autoimagem e a imagem do outro é fundamental na formação da identidade da criança. Ela precisa se ver no outro” (SOUZA, L., 2015, p. 19).

De acordo com Azevedo (s.d), sobre o papel de Ana Júlia:

No primeiro capítulo – aquele utilizado para apresentar as personagens – a garota não tem nome, não fala e pouco aparece. Não tem papel. Numa busca pelo site da emissora, na seção “personagem”, a menina negra também não aparece. [...] Mesmo considerando que outros atores negros participem da novela, a invisibilidade negra no núcleo de maior interesse da audiência infantil (o núcleo infantil) é um problema no processo de construção de identidade de meninas e meninos negros. (AZEVEDO, s.d)

Seria importante que a personagem Ana Júlia tivesse destaque na narrativa, pois imagens positivas de meninas negras na mídia precisam ser mais frequentes e apresentadas em profundidade.

Para Buckingham (2006), muitas produções infantis visam enfatizar com os personagens “modelos de comportamento vistos como socialmente desejáveis” (BUCKINGHAM, 2006, p. 14). Sendo assim, por ter apenas quatro personagens negros, e um deles ser somente figurante, a novela reafirma, com o silenciamento de uma menina negra, papéis do branco e do negro na sociedade brasileira, representando quem pode falar e quem é silenciado.

Outra questão que merece ser observada é a perpetuação das características de como seria um “anjo”: branco, de cabelos loiros, olhos azuis, bondoso, puro, ingênuo, anunciador, protetor, entre outras, uma vez que a personagem que dá nome à novela, Dulce Maria (Lorena Queiróz), possui essas características e as reforça. Essa representação de anjos vem desde a Idade Média e é muito comum na Igreja Católica, reafirmando, inclusive, um padrão de beleza europeu. Assim, a telenovela ajuda a perpetuar a ideia de que somente crianças brancas podem ser anjos, o que intensifica o racismo

e os mitos de que crianças negras não são confiáveis, bondosas e ingênuas. Deste modo, as crianças negras “(...) ganham menos colo, não são elogiadas pela sua beleza física ou comportamento e ainda recebem mais punições que as crianças brancas” (SOUZA, E., 2012, p. 34). Vale destacar também um estudo realizado em 2017 na Universidade de Georgetown, nos Estados Unidos, o qual revelou que meninas negras de 5 a 14 anos são vistas socialmente como menos inocentes e mais maduras sexualmente (OTTO, 2017), distanciando-as, mais uma vez, das características físicas e comportamentais do que seria um “anjo”.

Nesse sentido, pessoas negras foram, muitas vezes, representadas pela Igreja Católica como malignas, com costumes estranhos e com práticas religiosas satânicas. No Brasil, a proibição das pessoas escravizadas de exercerem suas religiões levou a um sincretismo religioso, com a ressignificação de práticas do catolicismo pelas pessoas escravizadas conforme as suas religiões africanas. Até hoje, religiões de matrizes africanas são alvo de

intolerância religiosa, visto que “a discriminação ‘cultural’ vem a reboque do físico, pois os racistas acham que ‘tudo que vem de negro, de Preto’ ou é inferior ou é maléfico (religião, ritmos, hábitos, etc)” (GOMES, 2005, p. 48).

Há, ainda, o preconceito com a beleza negra e, também, uma busca pela padronização dessa beleza. Por exemplo, meninas negras com o cabelo mais liso ou alisado, com a cor da pele mais clara e com os fenótipos que se aproximam mais do branco são vistas como mais bonitas do que meninas negras com o cabelo crespo, pele retinta e com fenótipos negros. São essas primeiras que costumam ter mais espaço na mídia, como a Ana Júlia, que embora seja figurante, enfatiza esse padrão de beleza negra.

Além disso,

(...) a telenovela se constitui como um campo de representações que, diante de seu poder discursivo, e a partir da apresentação de suas personagens, possui grande contribuição na construção das identidades raciais. (...) Além disso, temos o desejo pelo embranquecimento que se faz constantemente presente nessas narrativas. (LEWIS; NASCIMENTO, 2013)

É problemático, assim, uma telenovela infantil representar apenas uma menina branca como “anjo”, uma vez que o país é constituído por várias raças e etnias. Essas crianças podem ver a protagonista e querer ser igual a ela, fisicamente, para que também possam ter a “carinha de anjo”. E é nesse momento que tais crianças começam a ter conflitos de identidade e a querer se

aproximar do padrão de beleza branco. Tais práticas fazem parte da teoria do embranquecimento, que surgiu no Brasil no século XX, e visava a exclusão da cultura africana e aproximação dos negros com os costumes dos brancos: “nessa época surgiram vários produtos de beleza que prometiam ‘melhorar’ a estética dos negros. Eram produtos para alisar os cabelos e cremes que traziam como promessa clarear a pele negra” (SOUZA, L., 2015, p. 17).

Por fim,

(...) não podemos negar que essa ideologia, que todo esse passado histórico é muito forte na mídia, onde prevalece a maioria branca dominante, protagonistas da história e os negros como meros coadjuvantes. (SOUZA, L., 2015, p. 18)

A representação de meninas negras em telenovelas infantis precisa sair da figuração e do silenciamento. Essas meninas precisam ter voz, autonomia e protagonismo na narrativa. E isso leva a questionar por que uma menina negra não poderia ser a “carinha de anjo”? Está na hora de mudar esse padrão de beleza, porque meninas negras também consomem telenovelas e não se veem na tela, ou são sub-representadas, o que desde cedo pode gerar conflitos identitários. Produções infantis não são passivas e possuem discursos que visam ensinar às crianças o que é certo e errado, bonito e feio, bom e mau, quem pode falar e quem não pode falar. Para mudar esse cenário, é preciso que personagens negras saiam da figuração, não sejam estereotipadas e ocupem diversas funções, para além dos serviços domésticos e posições subalternas. ■

Há, ainda, o preconceito com a beleza negra e, também, uma busca pela padronização dessa beleza.

## REFERÊNCIAS

\* **SANDRA ROZA** É MESTRA EM COMUNICAÇÃO E JORNALISTA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP); ESPECIALISTA EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE 5.0 PELA HSM UNIVERSITY. PESQUISA INTERSECCIONALIDADE, GÊNERO, RAÇA, INFÂNCIA E FEMINISMO NEGRO EM REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS VOLTADAS PARA O PÚBLICO INFANTIL E ADULTO, COMO FILMES, DESENHOS ANIMADOS, LIVROS, TELENVELA E VIDEOCLIPES. É COORDENADORA DE DIVERSIDADE, EQUIDADE E INCLUSÃO NA REDE DE JORNALISTAS PELA DIVERSIDADE NA COMUNICAÇÃO, LIDERANÇA GLOBAL PELA CLINTON GLOBAL INITIATIVE UNIVERSITY 2023, DA FUNDAÇÃO CLINTON, E LIDERANÇA NACIONAL PELA FELLOWSHIP PROGRAM, DO IDBR - INSTITUTO IDENTIDADES DO BRASIL.

AZEVEDO, DONMINIQUE. A TV BRASILEIRA E A CARINHA DE ANJO BRANCA. *CORREIO MAGÔ*, S.D. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://CORREIONAGO.COM.BR/PORTAL/A-TV-BRASILEIRA-E-A-CARINHA-DE-ANJO-BRANCA/](http://CORREIONAGO.COM.BR/PORTAL/A-TV-BRASILEIRA-E-A-CARINHA-DE-ANJO-BRANCA/)>.

BUCKINGHAM, DAVID. *CRESCER NA ERA DAS MÍDIAS: APÓS A MORTE DA INFÂNCIA*. TRADUÇÃO DE GILKA GIRARDELLO E ISABEL OROFINO. FLORIANÓPOLIS. 2006.

GOMES, NILMA LINO. ALGUNS TERMOS E CONCEITOS PRESENTES NO DEBATE SOBRE RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL: UMA BREVE DISCUSSÃO. IN: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. *EDUCAÇÃO ANTI-RACISTA: CAMINHOS ABERTOS PELA LEI FEDERAL N. 10.639/03*. BRASÍLIA, DF: MEC; SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE, 2005.

OTTO, ISABELLA. MENINAS NEGRAS SÃO CONSIDERADAS MENOS INOCENTES QUE BRANCAS. *CAPRICHÔ*, 2017. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://CAPRICHÔ.ABRIL.COM.BR/VIDA-REAL/MENINAS-NEGRAS-SAO-CONSIDERADAS-MENOS-INOCENTES-QUE-BRANCAS/](https://capricho.abril.com.br/vida-real/meninas-negras-sao-consideradas-menos-inocentes-que-brancas/)>.

LEWIS, LIANA; NASCIMENTO, EMANUELE C. S.. CRIANÇAS E NEGOCIAÇÕES RACIAIS A PARTIR DA TELENVELA FINA ESTAMPA. *ESTUDOS DE SOCIOLOGIA*, V. 2, N. 19, ABR. 2015.

SOUZA, ELLEN DE LIMA. *PERCEPÇÕES DE INFÂNCIA DE CRIANÇAS NEGRAS POR PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL*. 2012. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM CIÊNCIAS HUMANAS) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, SÃO CARLOS, 2012.

SOUZA, LUZINEIDE P. *AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NAS NOVELAS INFANTIS: CARROSSEL E CHIQUITITAS*. 2015. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS) - NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. CURITIBA, 2015.

UOL ECONOMIA. *NEGRÓS REPRESENTAM 54% DA POPULAÇÃO DO PAÍS, MAS SÃO SÓ 17% DOS MAIS RICOS*. UOL, 04 DE DEZEMBRO DE 2015. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://ECONOMIA.UOL.COM.BR/NOTICIAS/REDACAO/2015/12/04/NEGRÓS-REPRESENTAM-54-DA-POPULACAO-DO-PAIS-MAS-SAO-SO-17-DOS-MAIS-RICOS.HTM](https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm)>.